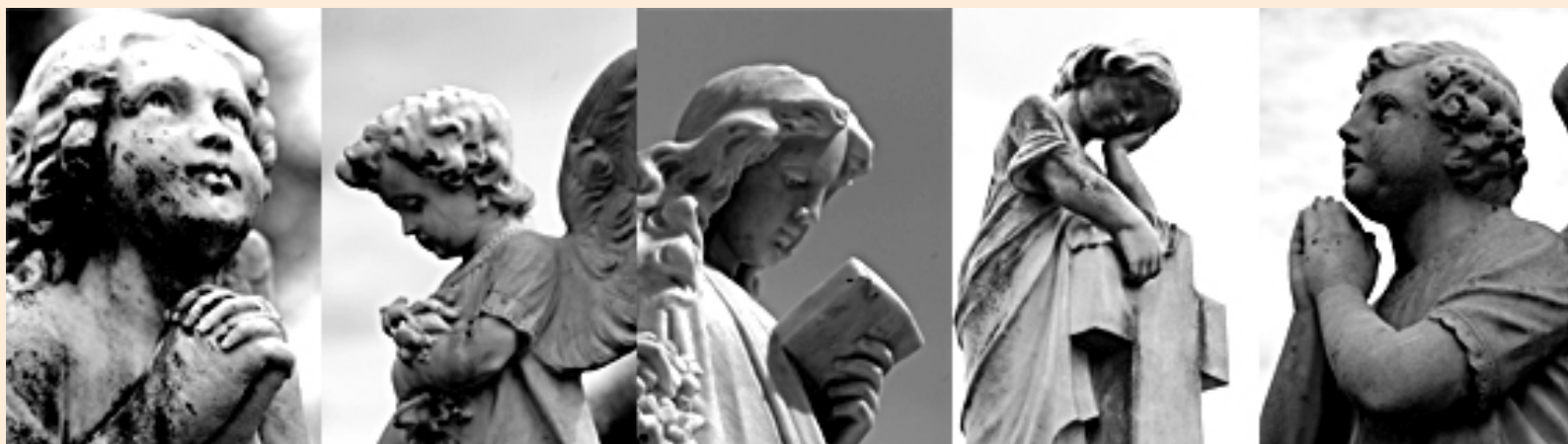


Inventário do Cemitério do Bonfim revela riqueza de elementos decorativos em túmulos imponentes e grandiosos

_____ página 03



Esculturas colocadas nas sepulturas revelam evolução de estilos ao longo das décadas



PEQUENOS OLHARES
SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?



_____ confira na página 08

Entrevista: presidente da Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais fala sobre políticas culturais

_____ páginas 06

Mutirão recupera Antiga Estação da Estrada de Ferro Goiás-Araguari e desperta nova consciência na comunidade

_____ página 09



Fachada lateral do prédio recuperado

**Impresso
Especial**

7397091256-DR/MG
IEPHA/MG

...CORREIOS...

Editorial

Bem Informado compartilha ações de preservação

É muito gratificante ver o Bem Informado em sua nova formatação e circulando para todos os municípios, conselhos deliberativos e outros destinatários. Trata-se, sem dúvida, de um canal especial para o IEPHA/MG levar à sociedade informações consistentes relacionadas às diversidades de nosso vasto patrimônio cultural e às ações que instâncias de governo e iniciativa privada vêm desenvolvendo.

Pessoalmente gostei muito do resultado. Sério, bem paginado e dinâmico em sua apresentação, o que já pode ser apreendido em função da proposta gráfica de alternar as cores básicas em cada número. A sua aceitação externa é muito salutar para o IEPHA/MG, pois permite compartilhar ações em prol da preservação com a sociedade.

Neste número, além de agradáveis e educativas inserções acerca de bens culturais, iconografia, pequenos solhares e textos informativos, temos uma entrevista com o presidente da Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais, prefeito de Santa Bárbara, Antônio Eduardo Martins, que nos fala sobre a responsabilidade do administrador municipal em sintonia com a preservação, desenvolvimento sustentável, adequação ao momento contemporâneo e busca de maior fruição dos bens culturais por todos os segmentos sociais.

O texto do funcionário do IEPHA/MG, engenheiro Fernando Castro Veado, que, embora jovem, é o único representante do momento inicial do Instituto ainda na casa, nos desperta a curiosidade para sua dissertação de mestrado, com a especificidade de consolidar o conhecimento a respeito da arte de edificar. Que sua determinação em pesquisar e repassar o conhecimento sirva de incentivo a outros profissionais, não só deste Instituto, mas a todos aqueles que dedicam sua carreira à preservação de nosso patrimônio. Não há dúvida de que será uma importante obra de referência para todos.

Para finalizar, deixou um pensamento para reflexão, de Lewis Mumford, que Nascimento Júnior, diretor de Museus e Centros Culturais do Iphan, nos avivou em artigo publicado na Folha de São Paulo: "Os conservadores são pessimistas quanto ao futuro e otimistas quanto ao passado".

Carlos Roberto Noronha
Vice-presidente

Tombamentos em estudo

N a reunião do Conselho Estadual do Patrimônio Cultural – CONEP –, em 7 de maio, foram apresentadas as propostas de tombamento definitiva da Casa de Wenceslau Braz, em Itajubá; e em Araguari, do Conjunto Paisagístico e Arquitetônico da Antiga Estação da Estrada de Ferro Goiás-Araguari; e de tombamento provisório da Serrada Calçada, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. A presidente do CONEP, secretária de Cultura, Eleonora Santa Rosa, designou como relatores os conselheiros Adalgisa Campos, da Anpuh, para a Casa Wenceslau Braz, Marialnês Trajano, do Iphan, para a Antiga Estação de Araguari, e Leonardo Castriota, do IAB, para a Serrada Calçada, que apresentarão seus relatórios na próxima reunião do conselho, ainda este mês. (Leia mais sobre a antiga Estação de Araguari na pág. 09)



▲ Casa de Wenceslau Braz

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Governador: Aécio Neves
Vice-governador: Antônio Augusto Anastasia

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
Secretária: Eleonora Santa Rosa
Secretário Adjunto: Marcelo Braga de Freitas

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS
Presidente: Liana Portilho
Vice-presidente: Carlos Roberto Noronha
Diretor de Conservação e Restauração: Renato César J. de Souza
Diretora de Planejamento, Gestão e Finanças: Mônica S. Grosso Avelino
Diretora de Proteção e Memória: Maria Marta Martins de Araújo
Diretor de Promoção: Carlos Henrique Rangel

BEM INFORMADO - INFORMATIVO DO IEPHA/MG
Assessoria de Comunicação
Edição e textos: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)
Textos: Érika Santos (MG 012987JP), Ludymila Toledo (MG 11656JP) e Sandra Ribeiro Araújo (MG 4577)
Projeto Gráfico: Litro Comunicação
Diagramação: Christiane Boldea Lazzarotti / Daniella Nascimento de Melo Jardim
Revisão: Pedro Souza Pinto
Fotos: Izabel Chumbinho
Impressão em papel Reciclado 90g/m² - Tiragem: 2.500 exemplares - Periodicidade: mensal - Distribuição gratuita e dirigida - É permitida a reprodução total ou parcial de textos e fotos, desde que citados o autor e a fonte.



Praça da Liberdade, s/nº - 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte - MG
Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br
Envie sua sugestão para: jornal@iepha.mg.gov.br

Cemitério do Bonfim é museu a céu aberto

Desdemarço até meados de agosto deste ano, técnicos do EPHA estarão fotografando, medindo e localizando túmulos diversos no Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, em Belo Horizonte. A identificação do acervo faz parte do trabalho de inventário de todo o entorno da sede do necrotério, que é tombada pelo Estado desde 1977.

O inventário dos túmulos é um importante meio de registro, uma vez que grande parte deles tem obras de arte aplicadas ou representam algum tipo de memória histórica da capital mineira. De acordo com o historiador do EPHA, Luis Gustavo Molinari, o inventário torna perene informações que poderiam se perder com o tempo: “Esses túmulos são particulares e, apesar de pouco provável, os proprietários podem modificá-los ou retirá-los, quando o quiserem. Além disso, há sempre a possibilidade de deterioração das peças pelo tempo ou por ações de vandalismo ou roubo. O inventário torna-se uma forma de acesso perene para pesquisa e também diretriz para intervenções futuras”.

A história do Bonfim, primeiro e mais tradicional cemitério de Belo Horizonte, se confunde com a cidade, sendo que sua inauguração precede a da capital por alguns meses de diferença, no ano de 1897. Projetado e construído sob supervisão técnica da “Comissão Construtora da Nova Capital” (com plantas de Hermano Zickler, José de Magalhães e Edgard Nascentes Coelho), o cemitério tem traçado arquitetônico bastante semelhante ao da cidade.

O estilo monumental dos túmulos – característica em BH exclusiva do Bonfim – demandou trabalhos complexos encomendados no Rio de Janeiro, São Paulo e dezenas de artistas e ateliês locais (como os irmãos Natali, os Lunardi e a Marmoraria São José), todos paralelamente envolvidos na construção de prédios públicos e residências na recém-inaugurada capital.

Estilos diversos

Os monumentos refletem claramente duas fases marcantes na história do Bonfim. A primeira, da inauguração até as décadas de 30 e 40, traz túmulos e elementos artísticos predominantemente em mármore. A maior parte das obras posteriores a este período são peças de bronze ou granito preto. A ocupação do cemitério em quadras progressivas também demonstra toda a evolução de estilos ao longo das décadas. Aoredonecrotério estão os primeiros túmulos, alargando-se o perímetro, caminha-se em direção a obras posteriores e, portanto, marcadas por características diferenciadas.

Outra forma de diferenciação de estilos é a ocupação “temática” de determinadas quadras. Existem algumas com túmulos só de crianças, outras predominantemente ocupadas por personalidades da política mineira. Para se ter uma ideia, no Bonfim estão enterrados, dentre outros, o ex-governador mineiro Silvano Brandão, Benedito Valadares, Raul Soares e Olegário Maciel, o ex-senador Bernardo Monteiro e o ex-prefeito Cristiano Machado; além de personagens importantes da história de Minas, como o beato Padre Eustáquio.



▲ Mausoléu de Raul Soares

Túmulo de Raul Soares encanta

Um dos mausoléus maisuntuosos do Cemitério do Bonfim, o túmulo de Raul Soares atrai o olhar dos visitantes. O altar em bronze e granito foi esculpido pelo italiano Ettore Ximenes, artista com forte inclinação para a temática mitológica e autor de inúmeras obras na Itália, Estados Unidos e Argentina. No Brasil, um de seus trabalhos de maior destaque é o famoso Monumento à Independência, em São Paulo, trabalho que assinou juntamente com o arquiteto Manfredo Manfredi.

Rico em detalhes e de linhas severas, o altar sobre o túmulo de Raul Soares ficou pronto em junho de 1926 – dois anos após sua morte. Ao centro, ergue-se majestosa e imponente a figura da Pátria, empunhando os símbolos do Direito e da Vitória. À sua esquerda está a Força, caracterizada pela espada que defende; enquanto à direita encontra-se a representação da Eloquência, figurada com o espaldado em postura discursiva, como a “boca que doutrina”.

Em plano médio, debruçada sobre os últimos degraus do altar encontram-se duas outras figuras, a História, reflexiva e compenetrada sobre um livro, e o Amor à Pátria, representado por um jovem que beija como o vido o manto que se arrasta além do colocal central. Por fim, no chão, ladeando o busto de Raul Soares, encontram-se os anjos que, com suas lamparinas, estão encarregados de iluminar seu caminho além-vida.

Detalhes das esculturas do túmulo de Raul Soares ▼



Riqueza ameaçada

Ao longo do tempo, o acervo cultural de Minas Gerais vem sendo desfalcado por comércio indevido, roubo, descaracterização e transferências impróprias. Esses crimes atingem principalmente imagens e peças litúrgicas. O IEPHA, atento à tarefa de zelar pelo patrimônio mineiro, faz um constante trabalho de tentativa de localizar peças desaparecidas ou encontrar os legítimos proprietários de peças recuperadas ou apreendidas.

Em fevereiro deste ano, foi instituído o Programa de Identificação, Recuperação e Devolução de Bens Culturais Desaparecidos, reunindo dez servidores de diversos setores do IEPHA, para definições de identificação, recuperação, restauração, devolução e monitoramento de bens culturais de interesse de preservação, de forma sistematizada. Para efetuar esse trabalho de proteção ao acervo, a comissão consulta fontes de averiguação, como os inventários, o cadastro de bens desaparecidos e de bens apreendidos feitos pelo IEPHA ou o cadastro de comerciantes de peças sacras feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Os esforços do Instituto não se restringem à luta pela recuperação das peças desaparecidas e sua devolução aos donos. Também é sua preocupação sensibilizar as comunidades para que se reconheçam como guardiãs de suas riquezas, por meio de atividades de educação patrimonial. A participação da população é fundamental na vigilância para evitar o desaparecimento. O inventário é um instrumento de inibição ao comércio indevido.

Entre agosto de 2003 e janeiro de 2005, 204 peças desaparecidas foram recuperadas, sendo que 43 delas foram devolvidas a seus locais de origem.

Como informar ocorrência de desaparecimento de peças

Ocorrência: desaparecimento ou subtração (roubo, furto, comércio indevido) de peça desaparecida recentemente ou há muitos anos.

Informações a encaminhar (se houver)

1. Denominação da peça;
2. Nome do município de procedência da peça;
3. Fotografia(s) ou vídeo para a identificação da imagem de sua procedência: foto antiga, de celebrações, foto de recordação de família ou outra situação em que a imagem da peça apareça;
4. Dimensões exatas ou aproximadas da peça, por exemplo, tomando como referência as dimensões de alguma outra que se assemelhe àquela procurada;
5. Boletim de Ocorrência (BO) preenchido pela Polícia Militar;
6. Contato da pessoa que comunica, caso não se queira o anonimato.

Denúncia de reconhecimento de peças desaparecidas:

Casos de denúncia:

- Reconhecimento de peça desaparecida recentemente ou há muitos anos;
- Identificação de peça que se assemelhe a alguma peça desaparecida;
- Identificação de peça que possa ter valor histórico, cultural e de interesse coletivo, tal como de devoção pertencente a igrejas, coleções de museus, arquivos públicos etc.

Informações a encaminhar (se houver)

1. Denominação da peça;
2. Nome do município em que ocorreu o reconhecimento ou a identificação da peça;
3. Nome do município da possível procedência da peça;
4. Fotografia(s) para a identificação da peça e de sua procedência: foto antiga, de celebrações, eventos ou de recordação de família ou outra situação em que apareça a referida peça;
5. Dimensões aproximadas ou dimensão de alguma outra peça que tenha tamanho similar;
6. Qualquer denúncia pode ser anônima. Caso a pessoa queirase identificar, deve fornecer um contato.

Ocorrências e denúncias devem ser enviadas ao IEPHA e serão verificadas. As peças em questão poderão ser cadastradas no Programa de Identificação, Recuperação e Devolução de Bens Culturais Desaparecidos.



« Peça recuperada
N. Sra. da Anunciação
Peça apreendida em 07/05/98, em Campinas (SP)
Datação: Século XVIII
Material: Rosto, cabelo, mãos e pernas feitos em madeira policromada, encarnada, e genuflexório em madeira dourada.
Dimensões: altura 32,5cm; largura 13cm; profundidade 13cm.



Peça desaparecida »
Cativo (em posição de oração)
Origem: Museu Regional do Sul de Minas, em Campanha
Datação: Primeira metade do século XVIII
Material: Madeira esculpida e policromada.
Dimensões: Altura 33cm, largura 17,6cm, profundidade 15,7.

Palácio da Liberdade aberto ao público



O Palácio da Liberdade está de portas abertas à visitação pública. Além de conhecer de perto toda a beleza da edificação do governo mineiro, os visitantes também podem assistir ao hasteamento de bandeiras e à troca da guarda governamental. O programa acontece todo o último domingo do mês, de maio a novembro, a partir das 8h30 até 13h.

O Palácio foi o primeiro monumento integrante do Circuito Cultural Praça da Liberdade a passar por um projeto de revitalização. As obras, sob supervisão do IEPHA e com patrocínio do Instituto Oi Futuro, foram finalizadas em dezembro de 2006. Foi feita uma restauração completa do prédio, incluindo cobertura, piso e fachada, num trabalho que revelou diversas preciosidades que haviam sido ocultas ao longo do tempo.

Relíquias

Construído para ser residência dos governadores e sua família e também centro administrativo, o Palácio da Liberdade sofreu diversas adaptações ao longo dos anos, principalmente após a construção do Palácio das Mangabeiras, que passou a ser a residência oficial.

Uma das descobertas que mais chamou a atenção, durante a reforma, estava no hall do elevador principal. Instalações sanitárias ocupavam o vão do elevador, no térreo e no andar superior. A obra quebra algumas paredes no andar térreo, para troca de tubulações e revestimentos, e foi descoberta uma base de ferro com motivos florais. Era indício de que toda a estrutura do elevador havia sido construída para estar exposta. Banheiros e cômodos ao redor foram demolidos e a estrutura metálica foi totalmente recuperada.

Durante a obra de cobertura, foi encontrada pintura decorativa na parte superior das paredes da circulação ao redor do elevador, antes escondidas entre um forro de gesso e o telhado. Removido o forro, a pintura, agora aparente, foi restaurada.

Na recuperação das três abóbodas da varanda central, surgiram portais de camadas de tintas brancas e pinturas decorativas elaboradas, de tamanho expressivo. Sem assinatura, supõe-se que sejam de autoria do artista Frederico Steckel.



▲ Hall da Escadaria (à esquerda) e Salão de Banquete (acima) são exemplos do requinte característico do Palácio da Liberdade

Requinte

Com projeto do arquiteto José de Magalhães, o Palácio da Liberdade segue o estilo eclético, com grande influência neoclássica. A edificação, que em 12 de dezembro de 1897 já recebia o então governador de Minas, Bias Fortes, ainda no período de finalização das obras, foi planejada e edificada pela Comissão Construtora da Nova Capital, chefiada pelos engenheiros Aarão Reis, na fase de projetos e por Francisco Bicalho na fase de execução.

Por causa do requinte do projeto, grande parte dos materiais usados na construção foi importada da Europa. Para pintura e decoração da edificação, foi trazido do Rio de Janeiro o artista Frederico Steckel e sua equipe de decoradores nacionais e estrangeiros. Logo na entrada, os visitantes se deparam com um dos destaques do Palácio: a escadaria metálica em estilo art nouveau, em ferro, com ornamentação em motivos florais, que foi projetada no Brasil e executada nas oficinas Acéries de Bruges, na Bélgica.

No hall superior, destacam-se as pinturas que simbolizam Liberdade, Fraternidade, Ordem e Progresso. O Salão Dourado, o das Comendadas e o de Honra exibem móveis em estilo Luís XV e XVI.

Nas paredes do imponente Salão de Banquete, painéis alegóricos evocam a Esperança, a Fortuna, a Saudação ao Trabalho. O Quarto de Dormir mantém os móveis em estilo Luís XV, adquiridos quando da visita dos reis da Bélgica, na década de 20. Os jardins, projetados pelo francês Paul Millon, em 1899, sofreu modificações ao longo do tempo, abrigam, hoje, esculturas em mármore branco, orquidário e quiosque.

O Palácio da Liberdade foi tombado pelo IEPHA em janeiro de 1975, levando em conta seu grande valor histórico, artístico e arquitetônico.

| Serviço: As visitas, em grupos de até 15 pessoas, têm duração de cerca de 15 minutos. Informações pelo telefone (31) 3250-6060 ou pelo e-mail cerimonial@governo.mg.gov.br.

 ENTREVISTA


Preservação do patrimônio impulsiona desenvolvimento econômico em Minas

Em entrevista ao BemInformado, o presidente da Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais e prefeito de Santa Bárbara, Antônio Eduardo Martins (o Toninho Timbira), fala sobre a importância do patrimônio cultural para o desenvolvimento turístico das cidades históricas.

Por que investir no patrimônio?

O homem sem cultura não tem história, não tem nada. Esse deve ser o fundamento número um: formar um povo. Trabalhamos indivíduos e sua cultura, sua identidade, para eles serem cidadãos e não apenas essências. Outro objetivo é promover o desenvolvimento sustentável. Em qualquer lugar do mundo, os recursos que mais movem a moturismo são a cultura e a natureza. Temos na nossa região uma cultura material e imaterial muito rica que foi construída ao longo de mais de 300 anos, aliada a toda a beleza natural que é característica forte de todas as cidades históricas mineiras. Para contarmos de fato com esses recursos, temos que trabalhar a sensibilização, a valorização do homem e de sua cultura.

Como o senhor vê a valorização do patrimônio em nossa sociedade?

Da década de 60 até meados da década de 90, reinava uma cultura de que o patrimônio era um empecilho para o desenvolvimento, como o entulho. Daquele momento em diante, começa a existir uma nova consciência, de valorização real do patrimônio como riqueza cultural. E mais interessante nos dias de hoje é que essa consciência deixou de ser apenas das elites. O patrimônio ganhou a atenção também do cidadão comum, que passou a ter a compreensão de que o patrimônio cultural, material ou imaterial, se bem organizado, pode gerar grande desenvolvimento econômico através do turismo.

Para usarmos um exemplo bem próximo para o senhor, como Santa Bárbara tem trabalhado essa questão e quais os retornos já observados no turismo?

Nos últimos dois anos, o tema da contagem da cidade e uma grande mobilização pela

revitalização completa do patrimônio material e imaterial. Estamos alcançando um acervo de 90% de imóveis tombados restaurados, sendo que a grande maioria ganhou ou ganhará uma destinação museológica, como o Memorial de Afonso Pena, o Museu da Ferrovia, a Casa do Mel, o Museu Antoniano e a mostra da mineração. Enquanto em julho do ano passado 31,3% dos turistas afirmavam vir a Santa Bárbara em busca de turismo histórico, cultural e religioso, esse atrativo em fevereiro deste ano já era responsável por 58,8% de nossa visitação. Em termos de hospedagem, em 2000, tínhamos 60 leitos. Hoje temos 760 leitos e, ainda assim, dificuldade em acomodar os visitantes.

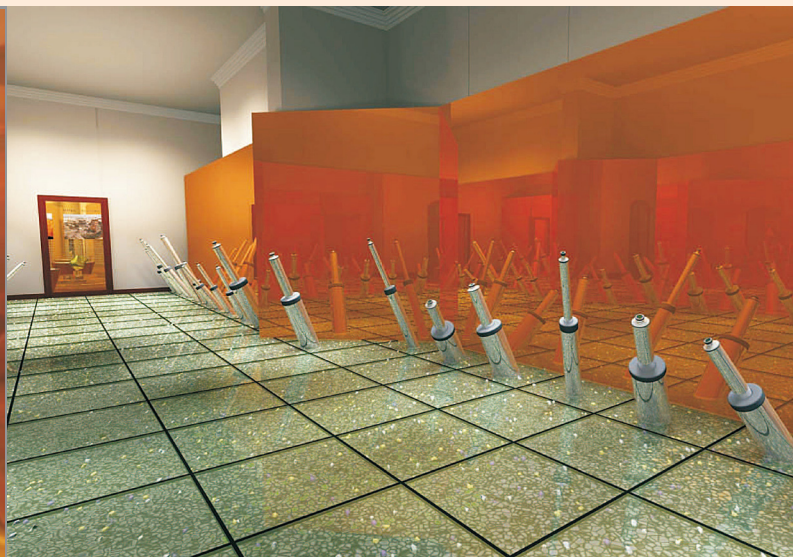
E o envolvimento popular na preservação e restauração do patrimônio?

Essa questão da organização da sociedade é ainda prematura no Brasil, até porque nossa democracia é muito jovem. Vivemos um modelo democrático em que se deposita a responsabilidade em um representante que não tem como oferecer todas as respostas que as pessoas esperam. Estamos em fase de transição, em que as pessoas começam a ser despertadas. Talvez um segundo momento tenhamos a democracia participativa, onde as pessoas se legem e também participam, mas estamos ainda muito longe de chegar nisso.

Como envolver e sensibilizar o cidadão quanto à importância do patrimônio?

É muito difícil você querer conversar com o sujeito sobre patrimônio se ele não tem a oportunidade de conhecer o patrimônio. Ou quando o filho dele não tem escola e a mãe dele não consegue consultar o posto de saúde. Com uma população que não tem esses seus direitos fundamentais preservados, vai querer ou vai poder valorizar a preservação do patrimônio?

Espaço de magia e conhecimento



Reprodução

▲ Imagens em 3D simulam os espaços propostos no projeto

Logo na entrada, os visitantes irão circular entre tubos de metal que, ao serem tocados, produzem sons e projetam no piso, cada qual, seu símbolo correspondente na tabela periódica. Assim terá início a visita ao Museu das Minas do Metal, que vai ocupar o antigo prédio da Secretaria de Estado de Educação, integrando o Circuito Cultural Praça da Liberdade, projeto estruturador do governo mineiro, gerido pela Secretaria de Estado de Cultura, acompanhado pelo IEPHA.

Essa entrada simbólica no mundo dos metais faz parte da ambientação proposta por Marcello Dantas, reconhecido museólogo, designer e curador de exposições. Suas idéias casam perfeitamente com o projeto arquitetônico do Museu, que leva a assinatura do arquiteto ganhador do Prêmio Pritzker, Paulo Mendes da Rocha, que dispensa apresentações.

Minas Gerais é o território mineral mais rico e importante do Brasil e um dos mais importantes do mundo. Para mostrar toda a essência, o Museu das Minas do Metal, que será patrocinado pela EBX, terá ambientes interativos e dotados de tecnologia de ponta, permitindo que os visitantes vivenciem o mundo dos metais, sua composição química, seus processos de transformação e seu uso no cotidiano de milhões de pessoas pelo mundo.

Atrações

Janelas para o mundo—São vitrines mostrando cenas do cotidiano, onde o metal é protagonista silencioso. Da construção às próteses corporais, dos transportes à medicina, das artes à comunicação.

Língua afiada—Numa superfície escultural, que enfatiza as principais qualidades do metal—maleabilidade e brilho—estará a história da humanidade, desde a Era do Ferro até o presente, em forma de textos e imagens projetadas.

Mapa das Minas—Mapa interativo das jazidas minerais e atividade metalúrgica no Estado, do período colonial aos dias atuais. Vão mostrar, de forma didática, antigas explorações, grandes pólos atuais de produção, os caminhos das minas, da histórica Estrada Real à Ferrovia do Aço.

Vale quanto pesa—Ao subir numa balança, uma imagem infravermelha do calor emitido pelo corpo mostrará a quantidade estimada de ferro, cromo, ouro e outros metais que o visitante possui dentro de si.

O Espaço das Minas também reserva surpresas para os visitantes. O acervo do Museu de Mineralogia Djalma Guimarães estará disponível ao conhecimento por meio de visitas monitoradas, de forma inovadora, por meio de hologramas—peças de destaque estarão flutuando no ar, ao alcance das mãos que, entretanto, não poderão atingi-las, graças a um efeito chamado Mirage, que usa um jogo de espelhos côncavos.

Os visitantes irão se encantar como Ceu à Aves, um espaço onde, através de telescópios apontados para o piso elevado em vidro, poderão ser vistos aumentados os minérios, pedras preciosas e pepitas sob os pés.

Os projetos museográfico e arquitetônico do Museu das Minas do Metal foram apresentados na reunião do CONEP, no dia 7 de maio, com a presença de Paulo Mendes da Rocha, seu filho Pedro, parceiro no projeto, e Marcello Dantas.



Prédio da antiga Secretaria de Educação que será sede do Museu das Minas e Metais



O detalhe “Vida Religiosa dos Índios Araxás” é uma das cenas retratadas no vitral da cobertura do hall de entrada da Sala Redonda, nas Termas do Grande Hotel de Araxá, cidade no Alto Paranaíba. O vitral foi projetado pelo belga Frank Urbane e executado pela empresa Casa Conrado. De um rico cromatismo, tem oito cenas que representam a ocupação territorial da cidade de Araxá: o vulcanismo, a pré-história, a vida religiosa dos índios Araxás, a ocupação do território pelos brancos, a descoberta das águas e seu uso primitivo pelo invasor, os conquistadores tomando banho de água corrente, a água e o sal do Barreiro na recreação e engorda do gado, a primitiva casa de banho e o início do século XX. No arremate central constam cenas dos meios de comunicação e transporte, assim como os pontos cardeais e a localização de Araxá no mapa de Minas.

O hotel é uma construção neocolonial, que foi projetada pelo arquiteto Luiz Signorelli em 1937, com jardins idealizados por Roberto Burle Marx. Foi inaugurado no ano de 1944 por Getúlio Vargas, no auge da efervescência dos grandes cassinos no Brasil. O Grande Hotel de Araxá faz parte do Complexo Hidrotermal e o Hotelero do Barreiro e se localiza a cinco quilômetros do centro da cidade.



| IEPHA participa de Encontro de História

Durante o XVI Encontro Nacional de História, a diretora de Proteção e Memória, Maria Marta Martins de Araújo, com apoio de Luís Gustavo Molinari, técnico da Gerência de Identificação, vai coordenar um simpósio temático sobre “Memória e interdisciplinaridade: olhares e experiências sobre o patrimônio cultural”. Segundo Luís, a proposta é importante para perceber como as pessoas, fora dos órgãos públicos, enxergam a proteção ao patrimônio: “É o congresso brasileiro de história mais importante em sua edição regional”, observa Marta.

Outros técnicos do IEPHA também apresentarão projetos durante o simpósio: Adriana Quirino, André de Souza, Delmari Ribeiro e Leticia Schirm.

O encontro será de 20 a 25 de julho, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich), da UFMG, e é aberto ao público em geral.

| Acordo de Resultados em elaboração

As discussões para a elaboração do Acordo de Resultados do IEPHA estão em ritmo acelerado. Os primeiros trabalhos realizados pela Equipe de Gestão Estratégica, diretores, gerentes e demais colaboradores – o mapa de negócios – já foram apresentados ao vice-presidente do Instituto, Carlos Noronha, e aprovados. Os objetivos de cada área e as metas por equipes já estão sendo elaborados.

O objetivo do Acordo de Resultados é melhorar a qualidade e a eficiência dos serviços prestados à sociedade, otimizar o gasto público e alinhar o planejamento estratégico das instituições públicas do Estado com o do Governo.

A Equipe de Gestão Estratégica do IEPHA é composta pelos servidores Henrique Alves dos Santos, Luís Gustavo Molinari e Fernando de Castro Veadó.

| Municípios participam do ICMS Cultural pela primeira vez

Para ter direito aos benefícios do ICMS Patrimônio Cultural do exercício de 2009, 621 municípios mineiros enviaram documentação ao IEPHA. Onze cidades buscam pela primeira vez participar da pontuação: Botelhos, Cabeceira Grande, Conceição das Pedras, Frei Lagonegro, Lagoa Grande, Pocrane, São Geraldo do Baixo, São José do Mantimento, São Miguel do Anta, Serrados Aimorés e Virgínia.

Técnicos do Instituto analisam os documentos e, ao final do ano, a tabela será divulgada. Os valores do repasse, estimados por ponto, garantem ao município uma verba extra que pode ajudar no orçamento das prefeituras.

Servem de bases para pontuação para o repasse de recursos do ICMS alguns itens como a criação de um museu municipal de patrimônio cultural, programas de educação patrimonial (a cidade também deve criar seu conselho de patrimônio cultural), tombamento de bens culturais, elaboração de inventário do acervo cultural, além de ações de proteção (investimentos em bens e manifestações culturais).



▲ Serra da Pedra Branca é atração em Conceição das Pedras

Mobilização popular recupera patrimônio em Araguari



Tornar a cidade a peça atuante na preservação da memória da cidade em que vive. Foi o motivo dessa ideia da prefeitura que Araguari se mobilizou, em 2001, em um "Mutirão Pró-Restauração", envolvendo diretamente grande parte da população no restauro de um de seus bens de maior valor histórico e cultural, a Antiga Estação da Estrada de Ferro Goiás-Araguari. A iniciativa resgatou o charme da edificação e a transformou no que é hoje chamado de Palácio dos Ferrovários, cartão postal que o município resguarda com orgulho e olhos atentos.

A construção em estilo eclético, inaugurada em 1928, encontrava-se abandonada há mais de 30 anos, desde a desativação da estação quando a linha tomou outros rumos. "A população ainda tinha algum rancor pelo fato e, inconscientemente, tinha a Estação como símbolo de uma mágoa", comenta o arquiteto Clayton Carilli, assessor da Divisão Municipal de Patrimônio Histórico. Ele lembra que, mesmo sendo um dos pontos principais da cidade, o prédio chegou a um estado alarmante de deterioração.

Em vez de simplesmente contratar uma empresa para promover a restauração do imóvel, a prefeitura adotou uma solução criativa que, muito mais que promover a revitalização do lugar, buscava revitalizar o olhar da população e seu envolvimento com a antiga Estação. O mutirão gerou um número de voluntários em trabalhos diversos como limpeza, capina, pintura e marcenaria. Outras restaurações mais complexas foram feitas posteriormente por equipes especializadas.

Sete anos se passaram e a mudança iniciada com o mutirão ainda não terminou. A iniciativa gerou uma nova consciência. "Logo após a queda da ditadura, as pessoas começaram a olhar de preservação sobre seus próprios imóveis e outros pontos sem toda a cidade. Criou-se uma espécie de epidemia de reformas, pinturas, jardinagem. De uma forma coletiva, aumentou o senso de preservação e tivemos uma redução sensível em ações de vandalismo", aponta Carilli.

Epícentro cultural

Desde a restauração, a Estação se tornou o grande palco cultural de Araguari. Eventos de todos os tipos – do aniversário da cidade a campeonatos de skate – acontecem ali, em frente ao monumental Palácio dos Ferrovários.

Dolado dentro, convivem em harmonia o gabinete do prefeito, várias

secretarias municipais e o novíssimo Museu Ferroviário, onde são expostos quadros e objetos históricos da Estação, como o registro da memória. No andar superior, um grande salão abriga todo tipo de atividade cultural, como exposições e palestras. A educação patrimonial é tema recorrente, apesar de o público local já ter bastante consciência da importância do assunto.

O projeto de se criar o complexo ferroviário um Centro Administrativo Municipal Integrado também está cada vez mais próximo de se tornar realidade. As demais secretarias e um auditório serão instalados em um armazém desativado ao lado da antiga estação – parte integrante do conjunto. O imóvel já está em obras de restauração, parcialmente custeada com verbas do Fundo Estadual de Cultura.

Tombamento Definitivo

Desde dezembro de 2002, o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Estação da Estrada de Ferro Goiás-Araguari recebeu o tombamento estadual provisório pelo IEPHA. O pedido de tombamento definitivo foi apresentado ao Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (Conep), em reunião no dia 7 de maio. (Ver pág. 02)



Prédio, totalmente degradado, antes da restauração

Análise prévia criteriosa é fundamental para restauração

Como tema “A contribuição do especialista no resgate e valorização das técnicas construtivas dos materiais compatíveis empregados nas edificações históricas”, o engenheiro civil do EPHA Fernando Castro Veado apresentará sua tese de mestrado em “Ambiente construído e patrimônio sustentável”, na Escola de Arquitetura da UFMG. Confira abaixo uma síntese da tese.

Os revestimentos argamassados que cobrem as fachadas exteriores e interiores dos monumentos históricos são elementos fundamentais da estrutura edificada. Além da função protetora, também possuem, muitas vezes, função decorativa relevante. Testemunhas do tempo do passado, estas camadas devem ser preservadas, por que monumentos históricos não podem servir apenas como um velho e deteriorado edifício que foi moradia de algum personagem ou marcado por acontecimentos históricos. Eles são também exemplos da importância dos materiais constituintes desse revestimento e o modo de suas aplicações, com as técnicas de cada região.

Cabe ao restaurador e conservador de edificações históricas consolidar a obra, o quanto possível, e fazê-la voltar ao seu estado de origem, usando todas as técnicas de restauro e pesquisa histórica, que irão propiciar o conhecimento do processo construtivo, das intervenções localizadas e de detecção de eventuais anomalias. O respeito ao bem restaurado, a autenticidade dos materiais constituintes dos processos que manterão o valor histórico de distintas épocas.

O conhecimento sobre argamassas é ainda, em grande parte, empírico, apesar do esforço recente de pesquisa. Este desconhecimento atinge especialmente o papel da cal, que é o mais tradicional aglomerante para as argamassas. Os revestimentos antigos são, em sua maioria, constituídos por argamassas de cal, área hidratada, areia de rio e água, eventualmente com adições minerais e aditivos orgânicos, apresentando diversas camadas. Eles possuem características diferentes dos atuais, que são, em grande parte, à base de materiais cimentícios (cimento Portland). Os materiais antigos são de elevada porosidade e hidrófilos, ou seja, permitem a entrada do vapor de água para o interior do substrato, mas evitam sua permanência prolongada, promovendo de forma fácil e rápida a saída para o exterior.

O interesse por materiais à base de cal combinados com componentes pozolânicos tem crescido bastante entre pesquisadores, restauradores e projetistas, devido à incompatibilidade de determinados materiais novos com os usados antigamente. A inserção de novos materiais em alvenarias antigas



Sobrado dos Quatro Cantos em Tiradentes é exemplo de restauração responsável

pode causar tensões devido aos ciclos de expansão térmica e às reações de origem física e química.

É importante salientar que os métodos para conservação e restauro de revestimentos exteriores variam conforme o tipo de deterioração e os materiais necessários para sua preservação. É preciso, em qualquer trabalho de restauro, uma análise prévia criteriosa do estado de conservação do revestimento, feita por um profissional capacitado, para que sejam corretamente estabelecidos os métodos e materiais usados.

Recomendações

A recuperação e a reconstituição dos revestimentos aplicados nessas edificações são muito importantes para resgatar a memória cultural e histórica de uma comunidade. Atualmente, a grande questão passa pela conservação de técnicas construtivas tradicionais e pelo uso de materiais compatíveis, tão similares aos originais quanto possível.

Um dos problemas da deterioração apontados nas manifestações patológicas nos edifícios históricos está grandemente associado à falta de manutenção e restauração dos revestimentos. Se as alvenarias de vedação não forem conservadas com materiais compatíveis e ficarem expostas à ação do tempo e dos agentes causadores das patologias, a deterioração será mais acelerada.

Como se vê, a conservação de nossa memória é responsabilidade de todos. É necessário haver consciência da responsabilidade do que se está fazendo do valor da edificação na qual estamos trabalhando.



Trabalho de recuperação das paredes internas do Sobrado dos Quatro Cantos



BEM TOMBADO



Arquivo Público Mineiro

Muitos dos costumes de uma elite brasileira de tempos passados ficou registrada na arquitetura de casas preservadas nos grandes centros urbanos. Exemplar disso em Belo Horizonte é o imóvel da Avenida João Pinheiro, 372. A edificação é de 1897, e foi construída pela Comissão Construtora da Nova Capital para servir de residência ao então secretário de Estado da Fazenda. A fachada é característica da época do ecletismo, marcada por elementos da arquitetura neoclássica. Possui um basamento alto, vãos das janelas ornamentados com molduras e marcos, juntas falseadas, plano central em relevo, vão em arco abatido com sacada e balaustrada, ladeado por falsas colunas e encimado por frontão e platibanda ornamentados. Os ornamentos são de Frederico Antonio Steckel.

De 1910 a 1938 abrigou a Prefeitura de Belo Horizonte e finalmente o Arquivo Público Mineiro. Recebeu reforma interna e ampliação em 1926, sob responsabilidade do engenheiro Alvimar Carneiro Rezende. Tombado em âmbito estadual em 1974, faz parte do Circuito Cultural da Praça da Liberdade.

Criado em Ouro Preto em 1895, o Arquivo Público Mineiro é a instituição cultural mais antiga de Minas Gerais. São milhares de documentos de origem pública e privada que remontam aos períodos colonial, imperial e republicano. O Arquivo abriga o acervo de documentos oficiais da administração pública estadual, veicula artigos e pesquisas da historiografia mineira através da Revista do Arquivo Público Mineiro, em circulação desde 1896. Ressalta-se ainda, os projetos de preservação e difusão cultural desenvolvidos pela Instituição.

Apartir de 1975, todo o acervo documental foi transferido para o então recém-construído prédio anexo, de quatro andares. O prédio original passou a ser destinado ao atendimento ao público.

Entre 1995 e 1998, o IEPHA coordenou um amplo trabalho de restauração que recuperou fundação, estruturas, fachada e uma série de outros aspectos arquitetônicos, artísticos e paisagísticos. Desde o começo de 2006, os técnicos do Instituto se ocupam de obras no prédio anexo, que irão instalar modernos mecanismos de climatização e controle de umidade para ajudar a proteger o acervo.

Atualmente, o Arquivo Público Mineiro possui aproximadamente 1.400 metros lineares de documentos pessoais, 65 mil fotos, 1.300 mapas e plantas e 400 filmes públicos e privados, promove, também, palestras e seminários, que reúnem historiadores, arquivistas, pesquisadores, professores e estudantes.



Entrada lateral do prédio do Arquivo Público



Imagem de Nossa Senhora da Conceição do acervo da Matriz de São Brás do Suaçuí, em Minas Gerais

A iconografia da Imaculada Conceição

Antes de tudo a Imaculada Conceição é um dogma da Igreja Católica Apostólica Romana, definido no século XIX, porém com raízes bem mais distantes no tempo. Nos séculos alguns escritos já afirmavam a imaculada pureza de Maria, concebida como uma nova Eva.

A iconografia da Imaculada Conceição é bastante complexa. Como representar, seja por imagem ou pintura, o momento da concepção de Maria? A nova Eva - A iconografia da concepção, tradicionalmente vista como a própria Virgem Maria, foi sendo formada gradualmente a partir de textos bíblicos que poderiam ser associados a Maria. Se, pela desobediência, Eva trouxe a morte, Maria, com sua obediência, trouxe a Salvação em Jesus. Ela, esmagando a cabeça da serpente, se torna a nova Eva e seu corpo não poderia ser manchado com o pecado original, pois iria receber o Salvador. A mulher do Apocalipse - Essa concepção de uma mulher pura é também vista no Livro do Apocalipse 12, 1-3, que relata uma mulher grávida, vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e, na cabeça, uma coroa de 12 estrelas. E um grande dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres, tendo acima sete diademas.

A mulher do Cântico dos Cânticos - Outra prefiguração de Maria estaria no livro do Cântico dos Cânticos 6, 10. Por meio daquele texto viu-se uma pré-figuração de Maria, na mulher comparada como a aurora, bela como a lua, brilhante como o sol e temida como um exército pronto para a batalha. E, ainda no Capítulo 7 do mesmo Cântico dos Cânticos, Maria estaria pré-figurada na mulher bela e perfeita ali descrita.

Juntando todas essas e outras imagens, teríamos uma primeira representação da Imaculada Conceição, inicialmente feita em pinturas, maneira mais fácil de se representar uma mulher bela como a lua e vestida de sol.

Finalmente consolidou-se a iconografia da Imaculada Conceição, mesclando elementos históricos, teológicos, artísticos, simbólicos e metafóricos de imagens imaculistas se formando, ao mesmo tempo, seu culto e devoção. Esta iconografia representa uma mulher de pé sobre o globo terrestre, com as mãos postas em oração e o olhar voltado para o céu. Seus pés esmagam uma serpente, às vezes podendo aparecer também, sobre o globo e seus pés, o crescente lunar, algumas vezes em forma invertida, e querubins. A serpente representaria a imagem original do pecado sendo que, em algumas representações da Imaculada Conceição, podemos encontrar em seu lugar um dragão. O crescente lunar é um antigo atributo feminino, sobretudo das divindades virgens; por exemplo, Diana na mitologia greco-romana. Está associado à fecundidade e transformação, aos segredos da vida, morte e ressurreição.

A mulher veste-se de branco, com manto azul, e é coroada por 12 estrelas, como na imagem da Virgem do Apocalipse. Um brilha do lado por vezes a envolve, porém, mais fácil de representar em pinturas.

O culto à Imaculada Conceição está presente no Brasil desde o início da colonização portuguesa. Consta que sua primeira imagem foi trazida na esquadra de Cabral. Eleita protetora do País no período colonial foi proclamada a Padroeira do Império por Pedro I. Com a pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição, aparecida no século XVIII, milagrosamente nas águas do rio Paraíba do Sul, seu culto tornou-se outra devoção muito popular no Brasil, de Nossa Senhora Aparecida, a atual Padroeira do Brasil.